



Relatório de resultados 2024

SMART GRID

EVOCAR

COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

Overview

Resultados do job Smart Grid na mídia e atividades realizadas

Total de **21*** clippings

R\$ **55.025,50** em ad equivalence*

6 press releases e avisos de pauta

2 entrevistas realizadas pré-evento

4 jornalistas presentes durante o evento

<https://app.cse360.com.br/clipping/result/edbe0a46-f40b-40eb-9191-08dcdd6eb3b8>

(*) Até 04/11/2024



Jornalistas que cobriram o evento



João Montenegro
BNAmericas



Maria Guerreiro
Mundo Elétrico



Wilian Miron
Agência Estado



Maurício Godoi
Canal Energia



Nelson Valêncio
Brasil Energia



Poliana Souto
Megawhat



Jucele Reis
Eletricidade Moderna e
Fotovolt

Atividades desenvolvidas

- ✓ Conversas de levantamento de informações
- ✓ Produção e envio preliminar de dois releases e avisos de pauta
- ✓ Entrevistas de Cyro Boccuzzi com João Montenegro/BNAmericas, Maria Guerreiro/Mundo Elétrico
- ✓ Aviso de pauta qualificado enviado a **mais de 150** jornalistas de todo o país dos setores de energia, infraestrutura, telecom e engenharia e construção – taxas de abertura de até **46%**
- ✓ Contato pessoal qualificado com **45** jornalistas dos setores de energia, infraestrutura, telecom e engenharia e construção (smart Building)
- ✓ Cobertura do evento pela equipe Evocar (4 pessoas)
- ✓ Produção e envio de 4 press releases com o conteúdo do evento
- ✓ Acompanhamento dos jornalistas durante o evento (plantão nos dois dias)
- ✓ Produção (em andamento) da newsletter pós-evento

Conteúdo desenvolvido no período



Títulos

Disrupções tecnológicas em sistemas de energia elétrica serão discutidas em São Paulo por autoridades, players e fornecedores internacionais

A requalificação das redes de transmissão e de distribuição necessita de investimentos de R\$ 350 bilhões em 5 anos, estima Cyro Boccuzzi

Solar nos telhadinhos, variação da carga e expansão do sistema são desafios para as redes elétricas do futuro

Regulação terá de ser fortalecida para dar conta de desafios da GD e de investimentos em digitalização e tarifas inteligentes

Modernização e expansão das redes elétricas na América Latina devem custar mais de US\$ 430 bilhões até 20240, prevê Adelat

Redução de perdas das distribuidoras é obrigação de todos, diz executivo da Tata Power

Total de :

- 9 disparos de e-mails
- 1.273 e-mails enviados
- 303 impactos (leram o conteúdo)
- 27% - Taxa média de abertura dos e-mails

Destques de mídias alvo conquistadas

EaeMáquinas

22.400

Monthly page views

ESTADÃO 
broadcast

40.500

Monthly page views
(setorial altamente qualificado)

CanalEnergia

103.900

Monthly page views

 **MEGAWHAT**

55.900

Monthly page views

o setor elétrico

26.500

Monthly page views

BRASIL
ENERGIA

47.100

Monthly page views

Blog do Moysés Peruhype Carlech

40.300

Monthly page views



120.400

Monthly page views

petronotícias

253.400

Monthly page views

Destques na mídia

Destques

Brazil estimated to need US\$60bn to modernize electricity grid

350.600

Monthly page views

Brazil needs investments of around 350bn reais (US\$62bn) to modernize its power transmission and distribution grids, estimates Cyro Boccuzzi, managing partner of [ECOEE](#), an engineering and consulting company focused on energy management and technology.

The estimated capex for what he calls the "requalification of the grids" over a period of four years includes around 130bn reais to reinforce structures and modernize protection systems in the face of [extreme weather events](#), which have been causing damage in large cities [like São Paulo](#).

Another 100bn reais is needed for flexibility services, provided by backup solutions such as [batteries](#) and [reversible](#) or thermal power plants, he says.

In the area of smart meters and grids, Boccuzzi estimates 60bn reais are needed.

For the optimization and integration of renewable generation (centralized and [distributed](#)) into the national grid, capex of approximately 40bn reais is required, he says. These contributions would go towards implementing more advanced control systems to improve the functioning of batteries and other storage systems and regulate intermittency.

In addition, the expert estimates that around 20bn reais would be needed to implement demand response programs for low-voltage consumers, rewarding those who reduce energy use at critical times. Today, there is an initiative of this type focused on large consumers (high voltage), which, however, have greater limitations in the long term due to impacts on production, in the case of industries, for example.

Although he recognizes that additional investments could put further pressure on power rates, Boccuzzi argues that the contributions are necessary to preserve reasonable rates in the long term, in view of the expansion of intermittent sources and climate change.

"Few remember that without the grid to connect all the new energy sources, we won't have the effect we expect. These are systemic needs, there's no escaping it," he said, adding that Brazil is already being forced to make [curtailments](#) to regulate the dispatch of solar and wind generation.

Boccuzzi said that in Florida, investments were made to reinforce the power grids in the face of stronger hurricanes.

"The hurricanes have increased in intensity, but the damage has been reduced. There's knowledge and experience of best practices. It's not just a problem in Brazil," he said.

Boccuzzi said that burying the distribution grid is only recommended in situations when major urban works are carried out, through coordination between governments and electricity, telephone and water distribution companies.

"If you leave it up to the power distribution utilities to invest, power rates will go up," he said.

These and other issues related to Brazil's electricity challenges will be debated at the 16th edition of the Latin American [SmartGrid](#) Forum, which takes place on October 28- 29 in São Paulo. The event, promoted by ECOEE, brings together authorities and the major players and suppliers in the electricity sector from various countries.

CONCESSIONS AND FREE MARKET

Boccuzzi believes that the option of [extending energy distribution concessions](#) in Brazil is important to prevent companies from reducing investments in the face of an uncertain future.

"Extending concessions will bring a certain amount of peace of mind for the financial market that finances the sector and for the distribution companies to pay for their investments," he said.



"Extending concessions will bring a certain amount of peace of mind for the financial market that finances the sector and for the distribution companies to pay for their investments," he said.

The consultant considers it essential to review the so-called legacy contracts of the concessionaires, which have historically purchased energy in watchdog [Aneel](#)'s auctions, to ensure that demand is met. However, the growing migration of customers to the [free market](#) and distributed generation have upset this balance.

"We need to remove old contracts from the concessionaires. They will earn from the use of the cables [distribution infrastructure], not from the sale of energy, and will be remunerated by another model," said the consultant.

ANÁLISE

Brasil demanda investimentos de R\$ 350 bi para modernizar rede elétrica

Bnamericas

Publicado: quinta-feira, 17 outubro, 2024

Tarifas Custos Demanda Distribuição Pr... Redes Intelige... Mostrar 16 mais



O Brasil demanda investime (US\$ 62 bilhões) para moder e distribuição, estima Cyro B empresa de engenharia e co energia e tecnologia.

O capex estimado para o qu das redes", com período de cerca de R\$ 130 de reais par sistemas de proteção diante os quais vêm gerando prejuí São Paulo.

Outros R\$ 100 bilhões são n flexibilidade, prestados por soluções de armazenamento de energi reversíveis ou térmicas.

Na área de medidores eletrônicos de consumo e tarifas inteligentes (smar R\$ 60 bilhões.

Para otimização e integração da geração renovável (centralizada e distri nacional, um capex de aproximadamente R\$ 40 bilhões. Esses aportes se implementação de sistemas de controle mais avançados para melhorar o e outros sistemas de armazenamento e regular a intermitência.

Além disso, o especialista estima cerca de R\$ 20 bilhões para implantar p demanda por consumidores de baixa tensão, premiando quem reduz o us críticos. Hoje, existe uma iniciativa do tipo com foco em grandes consumic entretanto, apresentam maiores limitações no longo prazo, devido a impa de indústrias, por exemplo.

Embora reconheça que investimentos adicionais podem pressionar ainda Boccuzzi argumenta que os aportes são necessários para preservar a modifi prazo, tendo em vista a expansão de fontes intermitentes e as mudanças cli

"Poucos se lembram que, sem a rede para conectar todas as novas fontes c efeito que esperamos. São necessidades sistêmicas, não dá para fugir", dis lembrando que o Brasil já está sendo obrigado a fazer curtailments para re geração solar e eólica.

Ele conta que na Flórida, nos Estados Unidos, foram realizados investimentos para reforçar as redes diante do escalonamento de furacões.

"Os furacões aumentaram de intensidade, mas os danos foram reduzidos. Existe conhecimento, experiência de melhores práticas. Não é um problema só do Brasil", afirmou.

Para Boccuzzi, o enterramento da rede de distribuição é indicado somente em situações de grande intervenção urbana em determinada região, por meio de articulação entre governos e empresas de distribuição elétrica, telefonia e água.

"Se deixar só para as distribuidoras de energia investirem, a tarifa vai subir", alertou.

Essas e outras questões relacionadas aos desafios do elétrico brasileiro serão debatidas na 16ª edição do Fórum Latino-Americano de SmartGrid, que ocorre entre 28 e 29 de outubro, em São Paulo. O evento, promovido pela ECOEE há 17 anos, reúne autoridades e os principais players e fornecedores do setor elétrico de vários países.

CONCESSÕES E MERCADO LIVRE

Boccuzzi entende que a possibilidade de estender as concessões de distribuição de energia no Brasil são importantes para evitar que as empresas reduzam investimentos diante de um futuro incerto.

"Prorrogar concessões trará uma certa tranquilidade para o mercado financeiro que financia o setor e para as distribuidoras remunerarem os investimentos", justificou.

O especialista considera fundamental rever os chamados contratos legados das concessionárias, que, historicamente, adquirem energia em leilões da Aneel, para garantir o atendimento à demanda. No entanto, a crescente migração de clientes para o mercado livre e a geração distribuída tem desequilibrado essa conta.

"É preciso tirar contratos antigos das concessionárias. Elas vão ganhar no uso do fio, não na venda de energia, sendo remuneradas por outro modelo. O serviço de fio será muito importante para

Destques

SMART GRID REÚNE EM SÃO PAULO PRINCIPAIS EMPRESAS DE GERAÇÃO DISTRIBUÍDA E DEBATEM REGULAÇÃO, INVESTIMENTOS E TARIFAS

253.400

Monthly page views



A expansão da geração distribuída (GD) no Brasil precisará de regras claras e lastreadas em boas técnicas, a serem criadas pela agência reguladora federal, a ANEEL, de forma a evitar problemas como a sobretensão das redes. Este foi um dos consensos obtidos por presidentes, diretores e altos executivos de CPFL, Energisa, Celesc, Neoenergia, Cemig e Copel reunidos, ontem, no último dia do 16o. Fórum Latino-Americano de Smart Grid, em São Paulo, quando apresentaram seus investimentos em andamento e planos para os próximos ciclos. Criado e promovido pela ECOee Energia Eficiente há 17

anos, o evento desenvolve a colaboração global entre diversas entidades, sempre com o foco de modernização dos serviços de eletricidade e energia, considerando aspectos técnicos, econômicos, ambientais, políticos, legais e sociais. Abrange temas sobre as tecnologias avançadas de integração e gestão de energia, conectividade e demais serviços nas redes elétricas e nas edificações.

Luis Henrique Ferreira Pinto, vice-presidente da CPFL, avalia que cabe ao setor reforçar o papel da ANEEL, para que a agência possa defender uma posição técnica. "A GD vai exigir muito da nossa rede. Vamos ter de pulverizar mais transformadores e reduzir a rede secundária. Mas a ANEEL vai ter de regrar o despacho, já que não será possível negociar o despacho com cada minigerador. E o regulador sabe deste desafio", afirmou com preocupação. O representante da CPFL defendeu a necessidade de ajustes regulatórios para que as distribuidoras sejam incentivadas a investir nos medidores e tarifas inteligentes. "Agora vai! Finalmente esses investimentos, como a tecnologia smart meter, vão deslanchar", lembrando, no entanto, o papel da ANEEL para alterar a forma de reconhecer tais investimentos, tema que está em consulta pública para a prorrogação dos contratos de distribuição. "Precisamos que a ANEEL regule, faça o ajuste que precisar para reconhecer investimento diferenciado em novas tecnologias. Assim, todas as empresas terão como investir em novas tecnologias. Se a velha tecnologia for melhor remunerada que a nova, não teremos como investir", disse Ferreira Pinto.



inteligentes. "Agora vai! Finalmente esses investimentos, como a tecnologia smart meter, vão deslanchar", lembrando, no entanto, o papel da ANEEL para alterar a forma de reconhecer tais investimentos, tema que está em consulta pública para a prorrogação dos contratos de distribuição. "Precisamos que a ANEEL regule, faça o ajuste que precisar para reconhecer investimento diferenciado em novas tecnologias. Assim, todas as empresas terão como investir em novas tecnologias. Se a velha tecnologia for melhor remunerada que a nova, não teremos como investir", disse Ferreira Pinto.



Denis Mollica, diretor da Cemig, à frente de uma empresa que já conta com 430 mil medidores inteligentes na área metropolitana de Belo Horizonte, sendo 80 mil com conectividade, também se manifestou com temor em relação à questão da sobretensão. A Cemig, por sinal, é a distribuidora com o maior volume de GD no Brasil e, por isso mesmo, criou um P&D para pensar em formas de mitigar tais problemas. Para o diretor da Cemig, o uso de novas

tecnologias e da Inteligência Artificial (IA) estará entre as soluções que precisam ser adotadas para dar conta dos desafios que estão postos na ordem do dia. "Batemos quase 4 GW de GD, somos a maior distribuidora do país nesse campo. Logo estaremos exportando energia ao meio-dia, uma situação complicada e atípica. O único jeito de conviver com isso será com tecnologia", disse Mollica. O plano de investimentos da empresa, informou, está na cada dos R\$23 bilhões para o ciclo 2023/2027, sendo R\$8 bilhões destinado às novas tecnologias.



Julio Omori, diretor de Operação e Manutenção da Copel, também destacou a importância que medidores inteligentes e outras novas tecnologias podem ter na rede. Para o executivo, eles trazem mais informações aos distribuidores, o que permitirá monitorar novos tipos de elementos das redes, sejam eles GD, baterias ou veículos elétricos. Segundo Omori, o investimento amplo em redes inteligentes vem permitindo ganhos em diversas áreas para as distribuidoras, com novas modalidades tarifárias, observação e controle dos equipamentos conectados à rede, a criação do mercado livre de baixa tensão, o apoio à transição energética, a

melhoria da qualidade de atendimento, a troca de dados e, até mesmo, a gamificação do relacionamento com o consumidor e eficiência energética. "Será inevitável essa jornada e, quando começarmos, vamos querer chegar ao fim o mais rápido possível, com diversos benefícios", concluiu.



Sávio Ricardo, gerente corporativo de Automação e Telecomunicações da Energisa, apresentou os desafios da empresa em suas concessões na região Amazônica, com os trabalhos de eletrificação dos consumidores em regiões isoladas. O projeto foi feito com recursos de pesquisa autorizados pela ANEEL e recursos próprios da empresa. Entre exemplos de projetos que incluem a instalação de medidores inteligentes, está o projeto de digitalização de comunidades ribeirinhas. "Essa população não tinha sequer energia elétrica, de repente, passou a ter Netflix, conectividade e banco. Eram distantes e, em pouco mais de um

ano e meio, a realidade mudou. A capacidade que temos de mudar vidas nos motiva", disse Ricardo. Outro projeto da Energisa é o dos Virtual Power Plants (VPP), que fazem a gestão dos recursos descentralizados, como as placas GD, de forma remota. As soluções da empresa para gerir a grande entrada de geração solar que ocorreu em sua área de concessão no meio do dia foi o uso de baterias, um projeto que está sendo estudado em P&D em Palmas (Tocantins) e se encerra em 2025.



Tarcísio Rosa, presidente da CELESC, trouxe detalhes sobre o plano de investimento da empresa catarinense, da ordem de R\$ 4,5 bilhões para o período 2023/ 2026. Ele relatou que o agronegócio está crescendo muito no estado, com pequenos produtores buscando mais tecnologia. Ele contou sobre o projeto SAGA, que busca automatizar as operações da CELESC e a conduzir de forma remota. Serão investidos R\$ 94 milhões nesse projeto,

que já executou mais de R\$ 7 milhões. Para o programa de eficiência energética, foram aprovados R\$ 32 milhões, com 24 projetos que estão em andamento. Rosa também abordou o tema da GD, com dificuldade das distribuidoras em fazer qualquer balanço de carga, que hoje não pode ser feita pelas concessionárias e dependerá de regulação da Aneel, trazendo aspectos técnicos e de segurança. "Não somos contra a geração fotovoltaica, mas em Santa Catarina temos 40% das nossas subestações já operando com fluxo invertido em algum momento do dia. E quem assume o prejuízo e cuida disso é a distribuidora", disse. "Temos de juntos defender uma lei ou regulação que vai evitar a instalação de excedentes de capacidade de geração que possam perturbar a distribuição de energia nas imediações. Como os problemas das distribuidoras do Brasil são para todas, vamos achar uma solução juntos", disse o presidente da CELESC.



Daniel Picchi, especialista Sênior em Smart Grids da Neoenergia, enumerou os desafios que o setor já está enfrentando e que também motivam o estudo e adoção de soluções de digitalização: mudanças climáticas, descarbonização e eletrificação, GD e veículos elétricos. Para abordar tais desafios, a empresa aposta na inovação tecnológica. "A digitalização do grupo Iberdrola está em 77% em 2023. A meta, agora, é chegar em 90% até 2030?", citou Picchi. Entre tais investimentos, Picchi destacou o investimento na frequência de LTE 400MHz, que permite preparar a rede da Neoenergia em suas diversas áreas de concessão

para próximas fases de investimentos. "Falamos muito de universalização, de trazer a rede elétrica até o cliente, e agora temos de falar da universalização das soluções que trazemos. Os clientes na área urbana têm muitos serviços que nem sempre o rural tem. Temos de avançar nisso, o que passa por ter uma infraestrutura de comunicação, e achamos que a rede LTE é um grande ativo para alcançar essa universalização do serviço", disse Picchi.

<https://petronoticias.com.br/smart-grid-reune-em-sao-paulo-principais-empresas-de-geracao-distribuida-e-debatem-regulacao-investimentos-e-tarifas/>

Fórum Smart Grid acontecerá nos dias 28 e 29 de outubro

103.900

Monthly page views

O evento terá ainda exposição de tecnologias e de empresas inovadoras

A Conferência Anual do **Fórum Latino-Americano de Smart Grid**, que acontecerá nos dias 28 e 29 de outubro, em São Paulo, contará com conteúdo inovador em tecnologia e modelos de negócios e com palestrantes nacionais e internacionais de excelência. O evento terá ainda uma exposição de tecnologias e de empresas inovadoras.

As sessões da Conferência terão tradução simultânea, com a participação já confirmada de executivos e autoridades importantes. Participam também patrocinadores e apoiadores líderes na área de sistemas inteligentes de energia e diretamente envolvidos na organização.

<https://www.canalenergia.com.br/noticias/53293192/forum-smart-grid-acontecera-nos-dias-28-e-29-de-outubro>

Destques



120.400

Monthly page views

EPE participa do SMART GRID FÓRUM/2024, 6º Fórum Latino-Americano de Smart Grid

Nos dias 28 e 29 de outubro de 2024, o Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo, recebeu a Conferência Anual do Fórum Latino-Americano de Smart Grid, um dos mais importantes encontros do setor de energia inteligente da América Latina. Com uma programação robusta e inovadora, o evento reuniu autoridades, especialistas e executivos de renome, tanto nacionais quanto internacionais, para discutir o futuro das redes inteligentes e o papel fundamental da tecnologia na transição energética. Com tradução simultânea nas sessões, o fórum facilitou o intercâmbio de ideias e conhecimentos entre participantes de diversos países, promovendo uma visão abrangente e colaborativa sobre os desafios energéticos da região.

Um dos destaques foi a exposição especial de empresas e tecnologias de ponta que apresentaram soluções inovadoras e disruptivas para redes de distribuição e transmissão (T&D). O espaço de exibição proporcionou aos participantes uma visão prática das novidades que vêm transformando o setor, com foco em soluções que integram tecnologias digitais e de automação para elevar a eficiência e a resiliência energética.

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) esteve representada pelo Diretor de Estudos Econômico Energéticos e Ambientais, Thiago Ivanoski, que participou do painel de abertura. Sob o tema "Sistemas de energia digitais e a requalificação das redes de T&D como caminho crítico para a transição energética e para a integração dos recursos de energia com outros serviços nas edificações inteligentes", o painel abordou temas como regulação, políticas públicas e as mudanças necessárias nas infraestruturas energéticas. Ivanoski destacou a importância de criar uma estrutura regulatória que favoreça a inovação, permitindo uma transição para uma matriz energética mais sustentável e acessível, com serviços de energia de alta qualidade e modernos.

Como nos anos anteriores, a Conferência ofereceu recomendações concretas para governos, reguladores, empresas e fornecedores de tecnologia, orientando-os sobre as medidas que podem ser adotadas para acelerar a modernização dos serviços energéticos. As discussões trouxeram à tona não apenas os desafios de adaptação tecnológica, mas também a necessidade de cooperação entre o setor público e privado para alcançar um progresso sustentável na área.



A Conferência Anual do Fórum Latino-Americano de Smart Grid reafirmou sua relevância como uma plataforma de diálogo e colaboração voltada para a inovação no setor energético. Com orientações práticas e pautas de ação, o evento fortaleceu o compromisso de diferentes setores em promover um futuro energético mais sustentável, eficiente e conectado. A colaboração entre governos, empresas e reguladores será essencial para transformar as redes energéticas da América Latina, avançando no uso de tecnologias inteligentes e na construção de um sistema energético mais resiliente e integrado.



<https://www.epe.gov.br/pt/impressao/noticias/epe-participa-do-smart-grid-forum-2024-6-forum-latino-americano-de-smart-grid>

Destaques

Brasil e Mundo Gastos previstos para requalificar as Redes de eletricidade

Redes de eletricidade vão precisar de R\$ 350 bilhões para se requalificarem



Cyro Bocuzzi – Diretor da ECOee Energia eficiente

A requalificação das redes de transmissão e de distribuição necessita de investimentos de R\$ 350 bilhões em até 5 anos, estima Cyro Bocuzzi

Organizador da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** informa que novos investimentos de infraestrutura no setor elétrico só serão viáveis com um grande Plano Nacional, com a coordenação do governo; eventos climáticos extremos como tempestades, secas, queimadas e enchentes e exigem o reforço de estruturas, enquanto as crescentes variações de carga das energias renováveis pressupõem a necessidade de recursos de flexibilidade operativa e um gerenciamento automatizado e inteligente do sistema.

São Paulo, 16 de outubro de 2024 – O momento é de mudança de paradigmas. Com as enchentes do Rio Grande do Sul, as secas e queimadas no Pantanal, as tempestades em São Paulo e a falta de água nos reservatórios na região amazônica, manter a resiliência e a estabilidade do fornecimento de energia elétrica tem sido um desafio crítico – e que só tende a piorar. Da mesma forma, sistemas inteligentes de gestão de distribuição se tornam ainda mais necessários ante à crescente participação de energias renováveis não despacháveis na matriz, como a solar e a eólica, e de geração distribuída, sendo injetadas no Sistema Interligado Nacional (SIN) e diretamente nas redes de distribuição de energia.

“É nesse cenário que se faz necessário investir R\$ 350 bilhões em até cinco anos para podermos contar com redes de transmissão e de distribuição resilientes e estáveis, que deem conta do consumo de eletricidade do País”, afirma o organizador da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** e diretor da ECOee Energia Eficiente, Cyro Bocuzzi. O tema será discutido neste que se tornou o principal encontro do setor desde 2008, em suas várias edições. O evento, que ocorre entre 28 e 29 de outubro, em São Paulo, reúne autoridades e os principais players e fornecedores do setor elétrico de vários países.

“Os valores para equacionarmos as redes elétricas são, de fato, significativos. No entanto, a pergunta que precisa ser feita é: qual será o custo de não realizar estes investimentos?”, questiona Bocuzzi.

Renovação com inteligência

Entre os números, a serem apresentados e discutidos no evento, estão R\$ 40 bilhões para a otimização e renovação do gerenciamento das redes, levando-se em conta o sensoriamento para identificar a energia faltante e a energia excedente, principalmente ante as variações de injeção das energias renováveis; R\$ 130 bilhões para proteção, adaptação e reforço da infraestrutura de redes a fim de fazer frente aos eventos climáticos extremos; cerca de R\$ 100 bilhões para garantir a flexibilidade do sistema com armazenamento de energia, baterias e outras tecnologias; R\$ 60 bilhões para programas de troca de medidores antigos por outros inteligentes e implementação de opções de tarifas que melhor espelhem os custos de fornecimento; e R\$ 20 bilhões para instalar programas de resposta da demanda, premiando consumidores que deixam de consumir eletricidade nos horários de pico ou em situações de emergência sistêmica.

Pacto nacional

“Precisamos de um pacto nacional, no qual a presença do governo como coordenador dos esforços públicos e privados é fundamental. O seu papel será definidor do futuro do País”, defende Bocuzzi. “Não investir agora é, simplesmente comprometer qualquer modicidade tarifária no longo prazo ou a sustentabilidade do sistema. É preciso garantir o longo prazo de forma planejada e com tecnologia”, resume o organizador do Fórum. E continua, “o Ministério de Energia lançou recentemente o Plano de nacional de Transição Energética – PLANTE que deverá aprofundar, detalhar e objetivar estes investimentos nas redes de T&D”.

As respostas aos desafios que se colocam ao setor estão bem à mão, garante Bocuzzi: tecnologias inovadoras estão disponíveis para redesenhar o cenário das redes de transmissão e de distribuição de eletricidade, assim como a realidade das edificações que se conectam a elas. “Queremos discutir com todos os agentes do setor o que significam essas transformações, seus impactos efetivos e os caminhos que se colocam nesse momento em que eventos climáticos e o desafio das renováveis se apresentam com toda a sua complexidade”, afirma.

Este ano, o Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** traz, mais uma vez, pesos pesados dos setores de energia e de tecnologia tanto do Brasil, quanto da América Latina e de países como Índia, Espanha, Canadá e Estados Unidos.

Entre os demais temas a serem tratados, o fórum de 2024 ressaltará os investimentos para a reformulação da infraestrutura existente no país, levando-se em conta, por exemplo, a renovação antecipada das concessões que se encerram nos próximos anos e a transição energética. Também será realçada a nova fronteira de oferta de serviços que se abre, permitindo políticas de tarifas diferenciadas, tendo em vista as variadas classes de uso e os diferentes perfis de clientes.

Blog do Moysés Peruhype Carlech

40.300

Monthly page views

Já estão confirmadas as seguintes autoridades:

* Alexandre Ramos, presidente da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)

* Alexandre Zucarato, diretor de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS)

* Carlos Alberto Mattar, Superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica (STD) da ANEEL

* Marisa Maia de Barros, subsecretaria de Energia e Mineração do Estado de São Paulo

* Thiago Ivanoski, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da Empresa de Pesquisa Energética (EPE)

* Vinícius Guimarães, superintendente de Outorga e Recursos à Prestação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)

Estarão presentes presidentes, diretores e altos executivos dos principais players do setor elétrico e dos principais provedores de tecnologias para o setor. O Fórum conta com o apoio da Anatel, Aneel, CCEE e EPE, no Brasil, e da Adelat, da Ariea, da Cier, da Colombia Inteligente, da GSEF, da International Electrotechnical Commission e do India Smartgrid Forum, no exterior. Conta também com o apoio institucional de várias entidades e associação setorial.

Sobre o Fórum Latino-Americano de **Smart Grid**

Criado e promovido pela ECOee Energia Eficiente há 17 anos, o evento desenvolve a colaboração global entre diversas entidades, sempre com o foco de modernização dos serviços de eletricidade e energia, considerando aspectos técnicos, econômicos, ambientais, políticos, legais e sociais. Abrange temas sobre as tecnologias avançadas de integração e gestão de energia, conectividade e demais serviços nas redes elétricas e nas edificações.

<https://blogmoyses.blogspot.com/2024/10/requalificacao-das-redes-eletricas-vao.html?zx=e60ba67e87db9ff3>

Destques

Sem leilão de reserva, ONS prevê manejar recursos para atendimento à ponta

Cerca de 3 GW por ano em recursos de potência devem ser usados anualmente



Sala de Controle do ONS em Recife - Divulgação

O atual paradigma do setor elétrico em torno da restrição de potência tem colocado em foco a flexibilidade operativa como ponto crítico, em que atributos para atender à ponta de carga passam a ser questões essenciais para o Brasil. Segundo Alexandre Zucarato, diretor de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), no momento, a situação pode ser resolvida por meio de manobra de recursos pelos próximos quatro anos.

Entretanto, apesar do controle da situação, cerca de 3 GW por ano em recursos de potência devem ser usados anualmente para garantir a segurança da operação, por meio de [leilões de reserva de capacidade](#), usinas reversíveis, expansão de hidrelétricas, resposta da demanda e outras formas de armazenamento de potência.

>>[ONS avalia leilões de reserva de capacidade anuais para garantir atendimento da ponta.](#)

"Além da sobra de energia e da escassez de potência, a flexibilidade operativa passa a ser um atributo crítico, que não aprendemos medir direito. Hoje, em um dia típico, em função da geração solar e do tamanho dela dentro do sistema, precisamos modular a geração hidrelétrica todo dia em torno de 30 GW", destacou Zucarato em painel da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de **Smart Grid**.



55.900

Monthly page views

<https://megawhat.energy/economia-e-politica/empresas/sem-leilao-de-reserva-ons-preve-manejar-recursos-para-atendimento-a-ponta/>

Destques

Setor elétrico demandará novo agente para controlar geração descentralizada

Figura pode ser crucial para a operação, ajudando o órgão a mensurar a entrada da modalidade no sistema e dimensionar a real situação do sistema elétrico nacional.



Linhas de transmissão. Crédito: Ricardo Ito/Info (2014) / Ricardo Ito/Info (2014)

O aumento exponencial da mini e microgeração distribuída (MMGD) vai demandar a criação de uma espécie de Operador Nacional de Sistema Elétrico (ONS) descentralizado nos próximos anos, assim como já existe em outros países. Para Alexandre Zucarato, diretor de Planejamento do ONS, a figura pode ser crucial para a operação, ajudando o órgão a mensurar a entrada da modalidade no sistema e dimensionar a real situação do sistema elétrico nacional.

"Vamos precisar aumentar a capacidade de coordenação de recursos, não só descentralizados, mas também distribuídos. O ONS não tem vocação para chegar na microgeração das residências. O convite é para desenhar uma estrutura que permita trabalhar a operação dos recursos energéticos distribuídos e fazer uma interface com o ONS", falou o diretor a jornalistas após painel da 16ª edição do fórum Latino-Americano de **Smart Grid**.

A ideia é que a estrutura funcione como uma "cascata", com o operador recebendo informações dos operadores de recursos distribuídos, função que pode ser exercida por agentes de distribuição.

"As próprias distribuidoras são agentes naturais para essa atividade. Mas, a função pode ser delegada ao distribuidor ou ser aberta como, por exemplo, aos operadores de plantas virtuais ou um agregador", explicou.

Outros 9 GW em outorgas descentralizada



55.900

Monthly page views

Atualmente, existem 32 GW de micro e minigeração na rede, mais 9 GW em pareceres de acesso até o final de 2024, segundo Carlos Mattar, superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica (STD) da Agência Nacional de Energia Elétrica.

Segundo Zucarato, hoje, num dia típico, em função da geração solar e do tamanho dela dentro do sistema, é necessário modular a geração hidrelétrica diariamente em 30 GW. Essa é a rampa de carga líquida vista pelos recursos centralizados entre 13h e 19h.

Assim, a chamada **curva do pato**, acaba tomando outras formas, e "o pato vai crescendo, vira girafa, vira elefante, vira brontossauro..."

"Quando olhamos para os próximos cinco anos, identificamos alguns cenários em que, a carga que sobra para a geração centralizada é pequena, só cabe a geração centralizada inflexível, sendo o mínimo que eu consigo gerar centralizadamente. O cenário é desesperador porque a partir desse ponto você não tem mais ferramenta para fazer o controle de carga e geração para manter a frequência do sistema", explicou Alexandre Zucarato.

<https://megawhat.energy/economia-e-politica/empresas/sem-leilao-de-reserva-ons-preve-manejar-recursos-para-atendimento-a-ponta/>

Destques

Distribuidoras podem ser agregadoras de GD, explica ONS

Papel pode ser definido com a renovação das concessões, segundo especialistas

A "orquestração" dos recursos energéticos distribuídos de micro e minigeração (MMGD) pode ser uma atribuição natural futura das distribuidoras, mas não precisa ser um monopólio. A avaliação é de Alexandre Nunes Zucarato, diretor de planejamento do ONS, que participou nesta manhã (28) do **Smart Grid** Forum, em São Paulo.

Para ele, essa função agregadora traria informações precisas para o ONS, que atualmente estima a contribuição do MMGD, e agregaria flexibilidade para a operação do sistema elétrico.

"As distribuidoras cresceram como desenvolvedoras de fios e não de recursos energéticos distribuídos", reforçou Zucarato, sinalizando para a necessidade de mudança.

O papel de agregar as informações sobre GD e repassar ao operador não é novidade em outros países e deve entrar em discussão com a renovação das concessões vincendas, na opinião de Cyro Boccuzzi, organizador do evento, em conversa com a **Brasil Energia**.

De acordo com ele, seria um serviço remunerado, dentro das novas atribuições das distribuidoras. "No passado, a corrida do ouro era prover fornecimento de carga, com a construção de ativos. Hoje, a questão é a prover flexibilidade", resumiu.

Boccuzzi lembrou que ainda não existe um modelo para o papel de agregador e o assunto deverá passar pela regulação. O executivo reforçou que, na baixa tensão, a precificação ainda está focada no fornecimento de energia e não na demanda.

Ele também aposta nas redes inteligentes para consolidar as informações em tempo real e a medição inteligente é um dos recursos possíveis. Para avançar nesse campo, uma saída seria o compartilhamento de serviços entre várias concessionárias de serviços públicos, as chamadas utilities.

A conectividade, hoje um desafio de custo para as concessionárias de energia, pode ser a solução, segundo Vinicius de Oliveira Guimarães, superintendente de Outorgas e Recurso à Prestação, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

De acordo com ele, a conta mensal da conexão de cada medidor residencial é, em média, de R\$ 2,50 e o serviço está concentrado nas mãos de grandes operadoras de telecomunicações. Se a mesma conexão for compartilhada com concessionárias de água ou gás – ou mesmo serviços de segurança patrimonial – esse valor pode ser reduzido.

Outra possibilidade é a ativação de redes privadas de telecomunicações pelas próprias concessionárias de distribuição. De acordo com Guimarães, a redução de custos da conexão por medidor pode chegar a 80%.

Entre as distribuidoras que avançaram nessa área está a Neoenergia, que já requereu à Anatel o uso da frequência de 400 MHz para montar sua infraestrutura. Com a rede própria, a empresa pode otimizar a comunicação de suas equipes de campo, com respostas mais rápidas, e tem a possibilidade de interligar medidores inteligentes de sua área de cobertura.

"Uma única estação rádio base, nessa frequência, pode cobrir uma região de 80 km de raio. Tem que ter uma equipe de telecom, mas as distribuidoras podem reduzir custos, entre outros, com os deslocamentos de equipes de campo", completa.

O especialista ressalta que a possibilidade de perda de mercado já teria levado à repactuação de contratos entre operadoras de telecomunicações e de concessionárias de energia.

Outro fator que pode reduzir a conta de conexão e incentivar o uso de recursos de redes inteligentes são as constelações de satélite focados em Internet das Coisas (IoT).

O superintendente da Anatel lembra que a agência aprovou cinco grandes constelações que podem oferecer banda estreita – mais barata – cobrindo 85% do país que não tem a oferta das grades operadoras de telecomunicações e nem de redes privadas.



47.100

Monthly page views

<https://brasilenergia.com.br/energia/distribuicao/distribuidoras-sao-candidatas-naturais-a-ser-agregadores-de-gd-explica-ons>

Destques

Expansão da rede na América Latina pode custar US\$ 430 bi até 2040



47.100

Monthly page views

No Brasil, a Associação de Distribuidores de Eletricidade Latino-Americana (Adelat) aponta a necessidade de US\$ 90 bilhões

A Associação de Distribuidores de Eletricidade Latino-Americana (Adelat) estima que a modernização e expansão da rede de energia elétrica da América Latina vai demandar mais de US\$ 430 bilhões até 2040. O cálculo considera sete países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala e Peru.

As análises incluem os investimentos para ampliação da rede (33%), modernização e melhoria da infraestrutura com implantação parcial de redes subterrâneas e sistemas digitais de medição (29%) e preparação da rede para novos usos (10%). O **valor dos investimentos foi apresentado** pela diretora executiva da Adelat, Alessandra Amaral, no 16º Fórum Latino-Americano de Redes Inteligentes.

No caso do Brasil, a associação aponta a necessidade de US\$ 90 bilhões até 2040. O montante representa um investimento médio anual de mais de R\$ 30 bilhões. "São números expressivos, mas é importante lembrar que não realizar esses investimentos implicará em outros tipos de custos", alertou Alessandra.

Para ela, a tendência é que os problemas de inadequação das redes para a absorção das energias de fontes renováveis variáveis e falta de resiliências aos eventos climáticos extremos, só devem aumentar nos próximos anos. Uma das alternativas para reduzir o repasse da conta para os consumidores é possibilitar que as distribuidoras ofereçam outros serviços aos consumidores, além da comercialização da energia elétrica.

"Teremos nos próximos seis anos a renovação de 19 concessões de empresas de distribuição de energia e, no processo de recontração, está previsto a liberação que as concessionárias prestem outros serviços como, por exemplo, o de telecomunicações", destacou o superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica da Aneel, Carlos Alberto Mattar.

De acordo com ele, a agência abriu em outubro processo de consulta pública que visa ouvir o mercado e a população sobre a renovação dos contratos de concessões para as distribuidoras. "Incluimos também nos novos contratos metas de eficiência na recomposição dos serviços após eventos climáticos extremos", completou.

Expansão da geração distribuída

O 16º Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** também abordou a necessidade de regras claras e lastreadas em boas técnicas para a expansão da geração distribuída no Brasil. O tema foi um dos consensos obtidos por presidentes, diretores e altos executivos de CPFL, Energisa, Celesc, Neoenergia, Cemig e Copel.

"A geração distribuída vai exigir muito da nossa rede. Vamos ter de pulverizar mais transformadores e reduzir a rede secundária. Mas a Aneel vai ter de regar o despacho, já que não será possível negociar o despacho com cada minigerador. E o regulador sabe deste desafio", afirmou o vice-presidente da CPFL, Luis Henrique Ferreira Pinto.

Para o diretor de Operação e Manutenção da Copel, Julio Omori, os medidores inteligentes e outras novas tecnologias podem ser importantes. Ele acredita que as ferramentas fornecem mais

informações aos distribuidores, o que permitirá monitorar novos tipos de elementos das redes.

Omori destacou que o investimento amplo em redes inteligentes possibilita ganhos em diversas áreas para as distribuidoras, com novas modalidades tarifárias, observação e controle dos equipamentos conectados à rede, a criação do mercado livre de baixa tensão, o acesso à transição energética, a melhoria da qualidade de atendimento, a troca de dados e a gamificação do relacionamento com o consumidor e eficiência energética. "Será inevitável essa jornada e, quando começarmos, vamos querer chegar ao fim o mais rápido possível, com diversos benefícios", concluiu.

Já o especialista Sênior em **Smart Grids** da Neoenergia, Daniel Picchi, enumerou os desafios que o setor já está enfrentando e que também motivam o estudo e adoção de soluções de digitalização: mudanças climáticas, descarbonização e eletrificação, GD e veículos elétricos. Para abordar tais desafios, a empresa aposta na inovação tecnológica. "A digitalização do grupo Iberdrola está em 77% em 2023. A meta, agora, é chegar em 90% até 2030?", citou.

Investimentos Santa Catarina

O presidente da Celesc, Tarcísio Rosa, apresentou detalhes sobre o plano de investimento da empresa, da ordem de R\$ 4,5 bilhões para o período 2023/ 2026. Ele comentou que o agronegócio está em crescimento no estado, com busca de pequenos produtores por mais tecnologia.

O executivo contou sobre o projeto Saga, que busca automatizar as operações da distribuidora e a conduzir de forma remota. Serão investidos R\$ 94 milhões nesse projeto, que já executou mais de R\$ 7 milhões. Para o programa de eficiência energética, foram aprovados R\$ 32 milhões, com 24 projetos que estão em andamento. Rosa também abordou o tema da GD, com dificuldade das distribuidoras em fazer qualquer balanço de carga, que hoje não pode ser feita pelas concessionárias e dependerá de regulação da Aneel, trazendo aspectos técnicos e de segurança.

<https://brasilenergia.com.br/energia/distribuicao/expansao-da-rede-na-america-latina-pode-custar-us-430-bi-ate-2040>

Destques

Aneel terá nova metodologia de perdas não-técnicas

Sistemática seguirá diretrizes do decreto de renovação de concessões e deve ficar pronta até o primeiro trimestre de 2025

A metodologia de cálculo das perdas não-técnicas das distribuidoras vai mudar a partir do primeiro trimestre de 2025. A informação foi confirmada por Camila Lopes, superintendente de Gestão Tarifária e Regulação Econômica da Aneel, em conversa com a *Brasil Energia*, na tarde de ontem (28), durante o **Smart Grid** Forum, em São Paulo.

De acordo com ela, a nova sistemática deve incorporar as diretrizes do decreto de renovação das concessões que trouxe possibilidade de dar tratamento diferenciado para as empresas que atuam em regiões complexas. Entre os exemplos estão áreas do Rio de Janeiro, mas também regiões críticas do Amazonas.

"A metodologia atual traz esse olhar, mas vamos aprimorar", adiantou Camila. Ela lembrou que a Aneel usa, por exemplo, a referência dos Correios (CEPs onde a entrega de materiais não acontece nas residências e sim nas agências mais próximas) para identificar as áreas de severa restrição. Com a nova metodologia, novas informações serão agregadas para caracterizar a dificuldade de acesso das concessionárias.

Outro ponto importante é a exigência de um plano de investimento e um plano de ação pelas distribuidoras para as regiões de severa restrição operativa. "O nível de reconhecimento de perda vai depender do desempenho da empresa na execução desse plano", adianta a superintendente.

A superintendente lembrou que a metodologia de reconhecimento de perdas vem sendo aprimorada nos últimos 20 anos. Nas primeiras revisões tarifárias, a Aneel reconheceu todas as perdas reais das concessionárias, mas o processo atual optou por uma sistemática que incentiva a busca de eficiência nas distribuidoras.

"Isso tem um limite máximo. É um custo de R\$ 10 bilhões ao ano, que onera os consumidores regulares que pagam contas em dia e os acionistas das empresas de distribuição", argumentou. Segundo ela, esse valor, originado de furtos ou fraudes, deve ser compartilhado com o poder público, em regiões onde a distribuidora não tem como prestar o serviço concedido.

O conceito de considerar as diferenças regionais e mesmo as distinções nas mesmas áreas de concessão, também é defendido pela diretora da FGV Ceri, Joisa Dutra, outra participante do evento.

A consultora, que foi diretora da Aneel, adiantou à *Brasil Energia*, que é preciso analisar melhor os dados sobre os consumidores em condições mais vulneráveis. Segundo ela, a média brasileira indicaria que até 27% deles estariam comprometendo mais de 6% da renda com a conta de luz.

A especialista defende uma agenda de pesquisa que materialize as condições reais do consumidor, por meio de microdados e informações do setor. A combinação permitiria entender o tamanho do problema abordado. Ela dá como exemplos as iniciativas da FGV Ceri em mapear a vulnerabilidade social a eventos climáticos, que afetam a interrupção de energia.

O desafio seria entender não somente o comprometimento da renda com energia, mas identificar a qualidade do que eles estão recebendo das distribuidoras.

"Existem áreas dentro das concessões, de grupos muito mais afluentes, com qualidade melhor de energia, mas que pagam a mesma tarifa que outras áreas, onde a renda é menor e a qualidade é muito pior", detalhou. Para Joisa, medir a pobreza energética, ajustada para qualidade, vai ser fundamental para o caminho futuro das novas concessões.

A diretora da FGV Ceri também comemora a consulta pública, autorizada no último dia 15, sobre a renovação das concessões. Com prazo até 02 de dezembro, a iniciativa poderá, inclusive, levar a uma proposição de um modelo de implementação gradual na renovação, que traria benefícios para o setor, inclusive na adoção de redes inteligentes.

"Tem que se ter capacidade para entender como desenhar uma trajetória que permita identificar quais são os benefícios líquidos para a adoção de tecnologias fundamentais para habilitar o futuro que já é presente", resumiu.

De acordo com ela, o setor tem tentado compreender nos últimos 15 anos como os investimentos em **smart grid** podem beneficiar pessoas e empresas.

A diretora da FGV Ceri lembrou que a questão de remuneração de investimentos em tecnologias, caso das redes inteligentes, deve ser alterada pela proposição da CP. Da mesma forma, ela vê como

47.100

Monthly page views

<https://brasilenergia.com.br/energia/distribuicao/aneel-tera-nova-metodologia-de-perdas-nao-tecnicas>

positiva a possibilidade de desaceleração na concessão de subsídios, deixando os meritórios e retirando alguns dos atuais.

A Aneel deve avaliar a elegibilidade das concessionárias para a renovação das concessões até o primeiro trimestre do próximo ano. No total, são 19 distribuidoras, com vencimento de contratos até 2032.

Destques

ONS/ZUCARATO: É PRECISO VOLTAR COM SISTEMÁTICA DE LEILÕES ANUAIS PARA ENTREGAR POTÊNCIA

41.500

Monthly page views

São Paulo, 28/10/2024 - O diretor de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Alexandre Zucarato, disse que é preciso voltar com a sistemática de leilões anuais para entregar potência ao Sistema Interligado Nacional (SIN), num cenário em que a operação está mais complexa devido ao crescimento das fontes não despacháveis e à expansão da geração distribuída (GD).

Segundo ele, atualmente o principal desafio do ONS tem sido garantir recursos para atender à ponta de carga do sistema, e a medida poderia ajudar a mitigar o problema. “A gente acredita que há necessidade de voltar à sistemática de leilão para entregar potência. Batemos na fase que precisa colocar esse recurso dentro do sistema, porque 3 gigawatts (GW) por ano é o crescimento de demanda”, disse, durante o evento [SmartGrid Fórum](#), em São Paulo.

Zucarato comentou, ainda, que daqui a cinco anos a carga líquida do SIN pode dobrar, superando os 60 GW. “O 'pato' vai crescendo [disse em referência à curva de demanda do sistema], mas onde tem desafio também tem oportunidade, e espero que o ecossistema encontre um meio de fazer frente a esses desafios”, comentou.

Ele disse, ainda, que no futuro será preciso gerenciar a GD, e comentou que o ONS já avalia uma estrutura de desenvolvimento em cascata, “um operador dos recursos distribuídos”. Zucarato ainda afirmou que a GD pode alcançar 70 GW em cinco anos, e que é preciso que esses sistemas de geração própria de energia ajudem a suportar as necessidades do sistema.

<https://www.broadcast.com.br/broadcast-energia/>

Destques

ANEEL/BOMFIM: MINUTA DE TERMO ADITIVO PARA DISTRIBUIDORA SAI NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2025

São Paulo, 28/10/2024 - A minuta do termo aditivo do contrato de concessão das distribuidoras de energia elétrica deve ser concluída no primeiro trimestre de 2025, disse a superintendente de Gestão Tarifária e Regulação Econômica da agência, Camila Bomfim. Atualmente, uma proposta passa por consulta pública da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), prevista para encerrar no início de dezembro.

"Haverá uma proposta de termo aditivo para as empresas que forem passar pelo processo de renovação, mas aí cada uma tem um prazo, e uma avaliação prévia da Aneel sobre quem tem condições de renovar", disse ela durante o evento **SmartGrid Fórum**, realizado hoje em São Paulo.

Em relação ao prazo para que isso ocorra, ela afirmou que é possível atender às empresas que necessitam renovar a concessão, a exemplo da EDP Espírito Santo, cujo contrato vence em julho de 2025. "Vai sair o termo aditivo já em tempo dela renovar, e as outras poderão antecipar o aceite da prorrogação"

Segundo Camila, na atualização da regulação, a agência deve levar em consideração questões como a dificuldade das concessionárias de acessar algumas áreas dentro de sua concessão. Para avaliar essa situação, hoje a agência considera como críticas as localidades onde os Correios não conseguem fazer entregas de encomendas, mas o objetivo do órgão regulador é encontrar uma maneira mais próxima à realidade das empresas do setor.

"Pretendemos evoluir nisso, em como identificar as áreas de severa restrição operativa em cada concessão. E, a partir daí, podemos propor algum tratamento diferenciado", afirmou.

Bomfim disse, ainda, que a Aneel quer ter diretrizes específicas para as áreas de alta complexidade socioeconômica. "Hoje o custo é de aproximadamente R\$ 10 bilhões e é dividido entre quem paga a conta regularmente e pelos acionistas das empresas, e se a concessionária não consegue entrar na área, teria que dividir também com o Poder Público", afirmou.

41.500

Monthly page views

<https://www.broadcast.com.br/broadcast-energia/>

Destques

Redes elétricas na América Latina devem custar mais de US\$ 430 bilhões, prevê Adelat

Para a Associação de Distribuidores de Eletricidade Latino-Americana (Adelat), o desafio é definir como financiar a modernização e digitalização das redes de energia. Tema foi debatido durante 16º Fórum Latino-Americano de Redes Inteligentes, que se encerrou ontem, em São Paulo

Preparar as redes de energia elétrica na América Latina para responderem rapidamente aos cada vez mais frequentes eventos climáticos extremos, além de tornar sua estrutura adequada para receberem a energia de fontes renováveis variáveis, como a eólica e a solar, vão demandar investimentos superiores a US\$ 430 bilhões (R\$ 2,3 trilhão) nos próximos 16 anos.

O cálculo, que envolve apenas sete países-chaves da região (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala e Peru) é da Associação de Distribuidores de Eletricidade Latino-Americana (Adelat) e foi apresentado durante o 16º Fórum Latino-Americano de Redes Inteligentes **Smart Grid**, durante o painel *Sustentabilidade das empresas de distribuição elétrica na América Latina*, que ocorreu esta semana em São Paulo, com a participação, ainda de representantes da ANEEL, da ARIAE (Espanha), do Centro de Estudos de Regulação e Infraestrutura da Fundação Getúlio Vargas, do Comissão de Integração Energética Regional (CIER), do Uruguai e da Aliança Colômbia Inteligente.

O valor do investimento nas redes elétricas do continente foi apresentado por Alessandra Amaral, diretora executiva da Adelat, que congrega as principais distribuidoras de energia elétrica na América Latina. No **cálculo** estão incluídos os investimentos para ampliação da rede (33%), modernização e melhoria da infraestrutura com implantação de parcial de redes subterrâneas e sistemas digitais de medição (29%) e preparação da rede para novos usos (10%).

No caso específico do Brasil, a Adelat aponta a necessidade de US\$ 90 bilhões (cerca de R\$ 490 bilhões) até 2040. Isso representa um investimento médio anual de mais de R\$ 30 bilhões. "São números expressivos, mas é importante lembrar que não realizar esses investimentos implicará em outros tipos de custos", alertou a diretora executiva da entidade.

Para Amaral, a tendência é que os problemas de inadequação das redes para a absorção das energias de fontes renováveis variáveis e falta de resiliências aos eventos climáticos extremos, só devem aumentar nos próximos anos.

Quem paga a conta?

Os valores para tornar as redes elétricas mais eficientes e melhor preparadas para enfrentar o novo normal do clima são expressivos e propõe a pergunta: quem paga essa conta?

Entre as propostas estão a redução dos subsídios do setor elétrico que, segundo a Aneel, neste ano devem atingir R\$ 37 bilhões, mas que podem chegar a R\$ 45 bilhões. Estão incluídos nesse valor a tarifa social para consumidores de baixa renda, os recursos do programa Luz para Todos, descontos para a compra de carvão por usinas térmica e subvenções para usinas eólicas e solares, sendo que esse último é o que recebe a maior parcela desses subsídios (cerca de 44%).

"Os subsídios são uma conta salgada. Cabe aos legisladores e formuladores de política definir como ela deve ser paga", pontuou Carlos Alberto Mattar, superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) e diretor da Associação Ibero-Americana de Entidades Reguladoras de Energia (ARIAE), que também participou do painel. E complementou: "importante lembrar que, no Brasil, a conta de energia elétrica representa quase 10% do orçamento familiar para quase 1/3 dos consumidores residenciais", complementou.

Alternativas

De acordo com Mattar, uma das alternativas para reduzir o repasse dessa conta para os consumidores é possibilitar que as distribuidoras ofereçam outros serviços aos consumidores, além da comercialização da energia elétrica. "Teremos nos próximos seis anos a renovação de 19 concessões de empresas de distribuição de energia e, no processo de recontração, está previsto a liberação que as concessionárias prestem outros serviços como, por exemplo, o de telecomunicações", disse.

De acordo com Mattar, a agência abriu em outubro processo de consulta pública que visa ouvir o mercado e a população sobre a renovação dos contratos de concessões para as distribuidoras. "Incluímos também nos novos contratos metas de eficiência na recomposição dos serviços após eventos climáticos extremos", informou.

Transição energética justa

Para Joisa Dutra, diretora do Centro de Estudos de Regulação e Infraestrutura da Fundação Getúlio Vargas (CERI-FGV), os investimentos em modernização das redes são muito necessários, mas isso não pode ser feito apenas pela priorização dos aspectos operacionais. "O consumidor precisa ser considerado. O governo brasileiro tem se posicionado, inclusive no G20, por uma transição energética justa. Então precisamos falar de justiça nesse processo", disse.

Ela também destacou que as distribuidoras deveriam indicar claramente os benefícios que cada aspecto da modernização das redes trará aos consumidores, em particular os medidores digitais. "As distribuidoras precisam esclarecer isso. Se o consumidor vai pagar, é oportuno indicar o que será pago e porque isso será bom para ele. Há experiências internacionais em que as distribuidoras tentaram impor essa mudança e fracassaram", disse. A diretora do CERI-FGV disse ainda que as mudanças, apesar de importantes, devem ser implementadas de forma gradual e começar pelos locais em que essa modernização é mais necessária.

Foco na geração

Túlio Alves, diretor executivo da Comissão de Integração Energética Regional (CIER), sediada no Uruguai, lembrou que nos últimos anos, os governos latinos se preocuparam mais em incentivar a geração de energias renováveis do que a modernização das redes. Para ele, alguns países avançaram rapidamente na produção de energias renováveis não convencionais, como a solar e a eólica, mas não tiveram o mesmo cuidado em incentivar a modernização das redes.

"Transição energética não implica apenas na mudança das fontes de produção de energia, mas também na forma como essa energia é transportada, distribuída e consumida", disse Alves. De acordo com o diretor da CIER, a adaptação das redes de distribuição é fundamental para garantir a estabilidade do novo paradigma energético.



26.500

Monthly page views

Para o painellista, cabe aos gestores de políticas públicas definir tarifas e incentivos apropriados ao sistema elétrico, que reflitam os custos reais e permitam a modernização dos sistemas. "É preciso que as pessoas entendam que sem redes de transmissão e distribuição adequadas, não há transição energética. As redes precisam ser adaptadas para gerenciar, especialmente, a variabilidade da geração de energia eólica e solar, a depender das condições climáticas", argumentou.

Do ponto de vista da segurança do sistema, Alves destacou que, além das redes com maior resiliência, é fundamental a diversificação das fontes. "Não podemos abrir mão da geração hidrelétrica e das termoeletricas, que garantem geração continuada. A segurança energética também depende de fontes diversificadas", alertou.

Experiência colombiana

Durante o painel também foi apresentada a experiência de modernização das redes de transmissão na Colômbia. Juan David Molina Castro, líder de gestão da Aliança Colômbia Inteligente, disse que o avanço na modernização, para ser eficiente, envolve políticas públicas adequadas, regulação, planejamento, vigilância e controle. "Além disso para avançar é importante termos disponíveis recursos, dados e infraestrutura. E não podemos esquecer de envolver o consumidor nesse processo", destacou.

De acordo com Castro, a Colômbia possui 29 operadoras, que estão implementando a modernização das redes de forma gradual e estratégica. "Duas já fizeram importantes avanços no restabelecimento automático das redes e outras duas estão fazendo essa atualização, uma já implementou gestão avançada de dados e outras quatro estão em fase de implementação e 15 delas estão desenvolvendo estruturas para o carregamento de veículos elétricos", enumerou. "O principal avanço registrado até agora é na absorção da geração distribuída, mas estamos seguindo e nos próximos anos temos expectativas de atingirmos nossa meta de tornar inteligentes as redes elétricas colombianas", previu.

<https://www.osetoreletrico.com.br/redes-eletricas-na-america-latina-devem-custar-mais-de-us-430-bilhoes-preve-adelat/>

Destques

Regulação terá de ser fortalecida para dar conta de desafios da GD e de investimentos em digitalização e tarifas inteligentes

Regulação terá de ser fortalecida para dar conta de desafios da GD e de investimentos em digitalização e tarifas inteligentes

Líderes da CPFL, Energisa, Celesc, Neoenergia, Cemig e Copel participaram de painel no 16o. Fórum Latino-Americano de Smart Grid e defendem que soluções para novos desafios do segmento passarão por novas tecnologias e atuação forte da ANEEL sobre recursos distribuídos e investimentos em resiliência

A expansão da geração distribuída (GD) no Brasil precisará de regras claras e lastreadas em boas técnicas, a serem criadas pela agência reguladora federal, a ANEEL, de forma a evitar problemas como a sobretensão das redes. Este foi um dos consensos obtidos por presidentes, diretores e altos executivos de CPFL, Energisa, Celesc, Neoenergia, Cemig e Copel reunidos, ontem, no último dia do 16o. Fórum Latino-Americano de Smart Grid, em São Paulo, quando apresentaram seus investimentos em andamento e planos para os próximos ciclos.

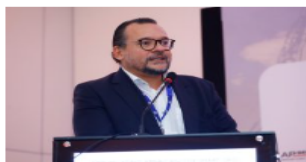


Luis Henrique Ferreira Pinto, vice-presidente da CPFL, avalia que cabe ao setor reforçar o papel da ANEEL, para que a agência possa defender uma posição técnica. "A GD vai exigir muito da nossa rede. Vamos ter de pulverizar mais transformadores e reduzir a rede secundária. Mas a ANEEL vai ter de regrear o despacho, já que não será possível negociar o despacho com cada minigerador. E o regulador sabe deste desafio", afirmou com preocupação.

O representante da CPFL defendeu a necessidade de ajustes regulatórios para que as distribuidoras sejam incentivadas a investir nos medidores e tarifas inteligentes. "Agora vai! Finalmente esses investimentos, como a tecnologia smart meter, vão deslançar", declarou, lembrando, no entanto, o papel da ANEEL para alterar a forma de reconhecer tais investimentos, tema que está em consulta pública para a prorrogação dos contratos de distribuição.

"Precisamos que a ANEEL regule, faça o ajuste que precisar para reconhecer investimento diferenciado em novas tecnologias. Assim, todas as empresas terão como investir em novas tecnologias. Se a velha tecnologia for melhor remunerada que a nova, não teremos como investir", disse Ferreira Pinto.

430 mil medidores



Denis Mollica, diretor da Cemig, à frente de uma empresa que já conta com 430 mil medidores inteligentes na área metropolitana de Belo Horizonte, sendo 80 mil com conectividade, também se manifestou com temor em relação à questão da sobretensão. A Cemig, por sinal, é a distribuidora com o maior volume de GD no Brasil e, por isso mesmo, criou um P&D para pensar em formas de mitigar tais problemas.

Para o diretor da Cemig, o uso de novas tecnologias e da Inteligência Artificial (IA) estará entre as soluções que precisam ser adotadas para dar conta dos desafios que estão postos na ordem do dia. "Batemos quase 4 GW de GD, somos a maior distribuidora do país nesse campo. Logo estaremos exportando energia ao meio-dia, uma situação complicada e atípica. O único jeito de conviver com isso será com tecnologia", disse Mollica. O plano de investimentos da empresa, informou, está na cada dos R\$23 bilhões para o ciclo 2023/2027, sendo R\$8 bilhões destinado às novas tecnologias.

Julio Omori, diretor de Operação e Manutenção da Copel, também destacou a importância que medidores inteligentes e outras novas tecnologias podem ter na rede. Para o executivo, eles trazem mais informações aos distribuidores, o que permitirá monitorar novos tipos de elementos das redes, sejam eles GD, baterias ou veículos elétricos.

Redes inteligentes

Segundo Omori, o investimento amplo em redes inteligentes vem permitindo ganhos em diversas áreas para as distribuidoras, com novas modalidades tarifárias, observação e controle dos equipamentos conectados à rede, a criação do mercado livre de baixa tensão, o apoio à transição energética, a melhoria da qualidade de atendimento, a troca de dados e, até mesmo, a gamificação do relacionamento com o consumidor e eficiência energética. "Será inevitável essa jornada e, quando começarmos, vamos querer chegar ao fim o mais rápido possível, com diversos benefícios", concluiu.

Sávio Ricardo, gerente corporativo de Automação e Telecomunicações da Energisa, apresentou os desafios da empresa em suas concessões na região Amazônica, com os trabalhos de eletrificação dos consumidores em regiões isoladas. O projeto foi feito com recursos de pesquisa autorizados pela ANEEL e recursos próprios da empresa.

Entre exemplos de projetos que incluem a instalação de medidores inteligentes, está o projeto de digitalização de comunidades ribeirinhas. "Essa população não tinha sequer energia elétrica, de repente, passou a ter Netflix, conectividade e banco. Eram

Gestão remota

Outro projeto da Energisa é o dos Virtual Power Plants (VPP), que fazem a gestão dos recursos descentralizados, como as placas GD, de forma remota. As soluções da empresa para gerir a grande entrada de geração solar que ocorreu em sua área de concessão no meio do dia foi o uso de baterias, um projeto que está sendo estudado em P&D em Palmas (Tocantins) e se encerra em 2025.



Tarcisio Rosa, presidente da CELESC, trouxe detalhes sobre o plano de investimento da empresa catarinense, da ordem de R\$ 4,5 bilhões para o período 2023/2026. Ele relatou que o agronegócio está crescendo muito no estado, com pequenos produtores buscando mais tecnologia. Ele contou sobre o projeto SAGA, que busca automatizar as operações da CELESC e a conduzir de forma remota. Serão investidos R\$ 94 milhões nesse projeto, que já executou mais de R\$ 7 milhões. Para o programa de eficiência energética, foram aprovados R\$ 32 milhões, com 24 projetos que estão em andamento.

Rosa também abordou o tema da GD, com dificuldade das distribuidoras em fazer qualquer balanço de carga, que hoje não pode ser feita pelas concessionárias e dependerá de regulação da Aneel, trazendo aspectos técnicos e de segurança.

Fluxo invertido

Eae Máquinas

22.400

Monthly page views

"Não somos contra a geração fotovoltaica, mas em Santa Catarina temos 40% das nossas subestações já operando com fluxo invertido em algum momento do dia. E quem assume o prejuízo e cuida disso é a distribuidora", disse. "Temos de juntos defender uma lei ou regulação que vai evitar a instalação de excedentes de capacidade de geração que possam perturbar a distribuição de energia nas imediações. Como os problemas das distribuidoras do Brasil são para todas, vamos achar uma solução juntos", disse o presidente da CELESC.

Daniel Picchi, especialista Sênior em Smart Grids da Neoenergia, enumerou os desafios que o setor já está enfrentando e que também motivam o estudo e adoção de soluções de digitalização: mudanças climáticas, descarbonização e eletrificação, GD e veículos elétricos. Para abordar tais desafios, a empresa aposta na inovação tecnológica. "A digitalização do grupo Iberdrola está em 77% em 2023. A meta, agora, é chegar em 90% até 2030", citou Picchi.

Entre tais investimentos, Picchi destacou o investimento na frequência de LTE 400MHz, que permite preparar a rede da Neoenergia em suas diversas áreas de concessão para próximas fases de investimentos. "Falamos muito de universalização, de trazer a rede elétrica até o cliente, e agora temos de falar da universalização das soluções que trazemos. Os clientes na área urbana têm muitos serviços que nem sempre o rural tem. Temos de avançar nisso, o que passa por ter uma infraestrutura de comunicação, e achamos que a rede LTE é um grande ativo para alcançar essa universalização do serviço", disse Picchi.

<https://eaemaq.com.br/noticias-do-mercado/regulacao-tera-de-ser-fortalecida-para-dar-conta-de-desafios-da-gd-e-de-investimentos-em-digitalizacao-e-tarifas-inteligentes/>

Destques

Eae Máquinas

Edificações inteligentes e novas tecnologias em sistemas de energia elétrica serão discutidas em São Paulo

22.400

Monthly page views



Edificações inteligentes e novas tecnologias em sistemas de energia elétrica serão discutidas em São Paulo

16ª edição do Fórum Latino-Americano de SmartGrid reunirá distribuidoras, fornecedores e autoridades dias 28 e 29 de outubro; a requalificação das redes de transmissão e de distribuição, a necessidade de novos investimentos de infraestrutura e as tendências nas edificações inteligentes serão destaques

Tecnologias disruptivas estão prestes a redesenhar o cenário das redes de transmissão e de distribuição de eletricidade, assim como a realidade das edificações que se conectam a elas. O que significam essas transformações, seus impactos efetivos e os caminhos que se colocam fazem parte da pauta da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de SmartGrid, que começa nesta segunda-feira, dia 28 e segue até terça-feira, 29, em São Paulo. O evento, promovido pela ECOee há 17 anos, reúne autoridades e os principais players e fornecedores do setor elétrico de vários países.



“Estamos vivenciando, hoje, a maior revolução tecnológica da história no setor de energia”, alerta Cyro Boccuzzi, presidente do fórum e CEO da ECOee, uma consultoria de engenharia de eletricidade. A revolução em curso, informa Boccuzzi, não se limita às redes elétricas públicas das concessionárias. “Há uma crescente oferta de soluções apoiadas em tecnologias digitais que chegam até as unidades consumidoras”, afirma ele.

Serviço

16º Smart Grid Forum Latim America

<https://www.smartgrid.com.br/>

Dias 28 e 29 de outubro

Centro de Convenções Frei Caneca (Rua Frei Caneca, 569 – São Paulo – SP)

Sob o tema “As tecnologias avançadas de sistemas de energia digitais e a requalificação das redes de transmissão e de distribuição”, o fórum traz, mais uma vez, pesos pesados dos setores de energia e de tecnologia tanto do Brasil, quanto da América Latina e de países como Índia, Espanha, Canadá e Estados Unidos.

Entre os demais temas a serem tratados, o fórum de 2024 ressaltará os investimentos para a reformulação da infraestrutura existente no país, levando-se em conta, por exemplo, a renovação antecipada das concessões que se encerram nos próximos anos e a transição energética. Também será realçada a nova fronteira de oferta de serviços que se abre, permitindo políticas de tarifas diferenciadas, tendo em vista as variadas classes de uso e os diferentes perfis de clientes.

Haverá, ainda, apresentações sobre a crescente complexidade que o setor elétrico brasileiro enfrenta – com o constante e necessário crescimento das fontes renováveis e intermitentes – e os desafios impostos pelos eventos climáticos extremos.

O fórum apresentará também o exemplo indiano que, a partir de um programa baseado em mulheres da comunidade, mostrou-se particularmente eficaz no combate às perdas e inadimplência em redes de distribuição (ou seja, a redução dos chamados “gatos”). Por fim, não faltarão os debates sobre a digitalização de sistemas de unidades consumidoras, soluções de autoprodução, “back up” e armazenamento de energia.

Já estão confirmadas as seguintes autoridades:

- * Alexandre Ramos, presidente da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)
- * Alexandre Zucarato, diretor de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS)
- * Marisa Maia de Barros, subsecretaria de Energia e Mineração do Estado de São Paulo
- * Sandoval Feitosa Neto, diretor geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel)
- * Thiago Ivanoski, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da Empresa de Pesquisa Energética (EPE)
- * Vinicius Guimarães, superintendente de Outorga e Recursos à Prestação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)

<https://eaemaq.com.br/noticias-sobre-eventos-e-feiras/edificacoes-inteligentes-e-novas-tecnologias-em-sistemas-de-energia-eletrica-serao-discutidas-em-sao-paulo/>

Destaques

Redes de eletricidade vão precisar de R\$ 350 bilhões para se requalificarem

Cyro Bocuzzi – Diretor da ECOee Energia eficiente

A requalificação das redes de transmissão e de distribuição necessita de investimentos de R\$ 350 bilhões em até 5 anos, estima Cyro Bocuzzi

Organizador da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** informa que novos investimentos de infraestrutura no setor elétrico só serão viáveis com um grande Plano Nacional, com a coordenação do governo; eventos climáticos extremos como tempestades, secas, queimadas e enchentes e exigem o reforço de estruturas, enquanto as crescentes variações de carga das energias renováveis pressupõem a necessidade de recursos de flexibilidade operativa e um gerenciamento automatizado e inteligente do sistema.

São Paulo, 16 de outubro de 2024 – O momento é de mudança de paradigmas. Com as enchentes do Rio Grande do Sul, as secas e queimadas no Pantanal, as tempestades em São Paulo e a falta de água nos reservatórios na região amazônica, manter a resiliência e a estabilidade do fornecimento de energia elétrica tem sido um desafio crítico – e que só tende a piorar. Da mesma forma, sistemas inteligentes de gestão de distribuição se tornam ainda mais necessários ante à crescente participação de energias renováveis não despacháveis na matriz, como a solar e a eólica, e de geração distribuída, sendo injetadas no Sistema Interligado Nacional (SIN) e diretamente nas redes de distribuição de energia.

“É nesse cenário que se faz necessário investir R\$ 350 bilhões em até cinco anos para podermos contar com redes de transmissão e de distribuição resilientes e estáveis, que deem conta do consumo de eletricidade do País”, afirma o organizador da 16ª edição do Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** e diretor da ECOee Energia Eficiente, Cyro Bocuzzi. O tema será discutido neste que se tornou o principal encontro do setor desde 2008, em suas várias edições. O evento, que ocorre entre 28 e 29 de outubro, em São Paulo, reúne autoridades e os principais players e fornecedores do setor elétrico de vários países.

“Os valores para equacionarmos as redes elétricas são, de fato, significativos. No entanto, a pergunta que precisa ser feita é: qual será o custo de não realizar estes investimentos?”, questiona Bocuzzi.

Renovação com inteligência

Entre os números, a serem apresentados e discutidos no evento, estão R\$ 40 bilhões para a otimização e renovação do gerenciamento das redes, levando-se em conta o sensoriamento para identificar a energia faltante e a energia excedente, principalmente ante as variações de injeção das energias renováveis; R\$ 130 bilhões para proteção, adaptação e reforço da infraestrutura de redes a fim de fazer frente aos eventos climáticos extremos; cerca de R\$ 100 bilhões para garantir a flexibilidade do sistema com armazenamento de energia, baterias e outras tecnologias; R\$ 60 bilhões para programas de troca de medidores antigos por outros inteligentes e implementação de opções de tarifas que melhor espelhem os custos de fornecimento; e R\$ 20 bilhões para instalar programas de resposta da demanda, premiando consumidores que deixam de consumir eletricidade nos horários de pico ou em situações de emergência sistêmica.

Pacto nacional

“Precisamos de um pacto nacional, no qual a presença do governo como coordenador dos esforços públicos e privados é fundamental. O seu papel será definidor do futuro do País”, defende Bocuzzi. “Não investir agora é, simplesmente comprometer qualquer modicidade tarifária no longo prazo ou a sustentabilidade do sistema. É preciso garantir o longo prazo de forma planejada e com tecnologia”, resume o organizador do Fórum. E continua, “o Ministério de Energia lançou recentemente o Plano de nacional de Transição Energética – PLANTE que deverá aprofundar, detalhar e objetivar estes investimentos nas redes de T&D”.

Valeon
Notícias

2.700

Monthly page views

As respostas aos desafios que se colocam ao setor estão bem à mão, garante Bocuzzi: tecnologias inovadoras estão disponíveis para redesenhar o cenário das redes de transmissão e de distribuição de eletricidade, assim como a realidade das edificações que se conectam a elas. “Queremos discutir com todos os agentes do setor o que significam essas transformações, seus impactos efetivos e os caminhos que se colocam nesse momento em que eventos climáticos e o desafio das renováveis se apresentam com toda a sua complexidade”, afirma.

Este ano, o Fórum Latino-Americano de **Smart Grid** traz, mais uma vez, pesos pesados dos setores de energia e de tecnologia tanto do Brasil, quanto da América Latina e de países como Índia, Espanha, Canadá e Estados Unidos.

Entre os demais temas a serem tratados, o fórum de 2024 ressaltará os investimentos para a reformulação da infraestrutura existente no país, levando-se em conta, por exemplo, a renovação antecipada das concessões que se encerram nos próximos anos e a transição energética. Também será realizada a nova fronteira de oferta de serviços que se abre, permitindo políticas de tarifas diferenciadas, tendo em vista as variadas classes de uso e os diferentes perfis de clientes.

Já estão confirmadas as seguintes autoridades:

* Alexandre Ramos, presidente da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)

* Alexandre Zucarat, diretor de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS)

* Carlos Alberto Mattar, Superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica (STD) da ANEEL

* Marisa Maia de Barros, subsecretaria de Energia e Mineração do Estado de São Paulo

* Thiago Ivanoski, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da Empresa de Pesquisa Energética (EPE)

* Vinícius Guimarães, superintendente de Outorga e Recursos à Prestação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)

Estarão presentes presidentes, diretores e altos executivos dos principais players do setor elétrico e dos principais provedores de tecnologias para o setor. O Fórum conta com o apoio da Anatel, Aneel, CCEE e EPE, no Brasil, e da Adeiat, da Ariea, da Cier, da Colombia Inteligente, da GSEF, da International Electrotechnical Commission e do India Smartgrid Forum, no exterior. Conta também com o apoio institucional de várias entidades e associação setorial.

Sobre o Fórum Latino-Americano de **Smart Grid**

Criado e promovido pela ECOee Energia Eficiente há 17 anos, o evento desenvolve a colaboração global entre diversas entidades, sempre com o foco de modernização dos serviços de eletricidade e energia, considerando aspectos técnicos, econômicos, ambientais, políticos, legais e sociais. Abrange temas sobre as tecnologias avançadas de integração e gestão de energia, conectividade e demais serviços nas redes elétricas e nas edificações.

<https://valeonnoticias.com.br/2024/10/17/redes-de-eletricidade-vaio-precisar-de-r-350-bilhoes-para-se-requalificarem/>

Destques



Conferência Anual do Fórum Latino-Americano de Smart Grid começa hoje

📅 Data de Publicação 28/10/2024 🗂 Notícias de Agenda 👤 Redação

Inicia hoje a Conferência Anual do Fórum Latino-Americano de Smart Grid, com muito conteúdo inovador em tecnologia e modelos de negócios, além da presença de palestrantes nacionais e internacionais de excelência. Está ocorrendo uma seleta e especial exposição de tecnologias e também de empresas inovadoras de valor, com a participação de altos executivos e autoridades importantes do setor energético. A revista Mundo Elétrico está fazendo a cobertura deste grande evento e em breve traremos mais informações.



2.600

Monthly page views

<https://www.revistamundoelétrico.com.br/agenda/conferencia-anual-do-forum-latino-americano-de-smart-grid-comeca-hoje/>

Destaque

REVISTA
Mundo elétrico
ENERGIA • AUTOMAÇÃO • MERCADO
Ano 1 - N° 1 - outubro/novembro 2024

Entrevista
Cyro Vicente Boccuzzi, sócio-diretor da ECOee Energia Eficiente e presidente do Smart Grid Forum Latin America

Política
O marco do hidrogênio verde: um salto para o futuro energético do Brasil

Sustentabilidade
Bracell, uma das líderes globais na produção de celulose solúvel especial, recebe o selo 1-REC (International REC Standard)

Entrevista
Por Maria Guerreiro

Menos teoria, mais ação

Essencial para o desenvolvimento do Brasil, o setor elétrico soma oportunidades e desafios, especialmente diante do crescimento de ocorrências climáticas mais severas, que colocam à prova a estrutura de transmissão e distribuição de energia e acendem um sinal de alerta para a necessidade de um pacto setorial em torno de políticas e investimentos. A intensificação dos projetos de smart grids (redes inteligentes) está entre os caminhos para avançar na melhor oferta dos serviços, em qualidade e custo, como explica Cyro Vicente Boccuzzi, sócio-diretor da ECOee Energia Eficiente e presidente do Smart Grid Forum Latin America, que faz uma análise sobre a realidade do setor no País.

Com uma carreira dedicada ao setor de energia, Boccuzzi atuou até 2007 na Eletropaulo, atual Enel, onde foi de estagiário a vice-presidente de operações. Ao se desligar da empresa, já observava as transformações do setor em diversos países do mundo, principalmente na Europa Central, onde crescia a geração descentralizada em substituição ao petróleo, com políticas públicas de incentivo aos clientes. Desde então, atua em diversas frentes no sentido de debater e desenvolver o setor, com foco em eficiência, redução de custos e aumento da competitividade.

ME: Como a competitividade pode estimular o desenvolvimento e a adoção de novas tecnologias?
CVB - A adoção de novas tecnologias tem sido estimulada por fatores como a redução de custos e a necessidade de melhorar a eficiência operacional. Isso tem levado a uma maior adoção de soluções inovadoras, como a inteligência artificial e a automação, que ajudam a otimizar processos e reduzir custos operacionais. Além disso, a necessidade de atender demandas crescentes de energia tem impulsionado investimentos em novas fontes e tecnologias, como a energia solar e eólica, que são cada vez mais competitivas em termos de custo e sustentabilidade.

ME: O Brasil está bem posicionado para enfrentar os desafios do setor elétrico?
CVB - O Brasil tem uma base sólida em termos de infraestrutura e recursos humanos. No entanto, há desafios significativos, especialmente em termos de eficiência e sustentabilidade. É necessário investir em pesquisa e desenvolvimento para desenvolver soluções inovadoras que possam enfrentar os desafios do futuro energético do Brasil, como a transição para fontes renováveis e a implementação de smart grids.



Entrevista	
<p>ME: O que levou a criar o Fórum de Smart Grid, que está em sua 1ª edição?</p> <p>CVB - Em 2007, quando saí da Eletropaulo, eu tinha um networking internacional e queria pensar em uma transformação de grande escala. Então, eu me reuni com alguns investidores para criar o fórum. O objetivo era discutir investimentos para levar inteligência para as redes. Então, eu criei uma empresa de consultoria, a ECOee, que tem o propósito de ajudar a indústria a pensar em soluções inovadoras. Hoje, o fórum é uma plataforma para discutir o futuro do setor elétrico e promover a adoção de novas tecnologias.</p> <p>ME: Quais os seus desafios?</p> <p>CVB - Atualmente, sempre se discute o futuro do setor elétrico. Mas, além de pensar em soluções inovadoras, é preciso pensar em como implementar essas soluções. Isso envolve pensar em como melhorar a eficiência operacional e reduzir custos operacionais. Além disso, é preciso pensar em como atender demandas crescentes de energia de forma sustentável e resiliente. Isso envolve pensar em como desenvolver fontes renováveis e implementar smart grids.</p> <p>ME: A adoção de smart grids é mais rápida do que se esperava?</p> <p>CVB - A adoção de smart grids tem sido mais rápida do que se esperava. Isso se deve a uma combinação de fatores, como a redução de custos e a necessidade de melhorar a eficiência operacional. Além disso, a necessidade de atender demandas crescentes de energia tem impulsionado investimentos em smart grids. No entanto, ainda há desafios significativos, especialmente em termos de interoperabilidade e segurança.</p> <p>ME: A adoção de smart grids é mais rápida do que se esperava?</p> <p>CVB - A adoção de smart grids tem sido mais rápida do que se esperava. Isso se deve a uma combinação de fatores, como a redução de custos e a necessidade de melhorar a eficiência operacional. Além disso, a necessidade de atender demandas crescentes de energia tem impulsionado investimentos em smart grids. No entanto, ainda há desafios significativos, especialmente em termos de interoperabilidade e segurança.</p>	<p>ME: Como a adoção de smart grids pode contribuir para a sustentabilidade do setor elétrico?</p> <p>CVB - A adoção de smart grids pode contribuir significativamente para a sustentabilidade do setor elétrico. Isso se deve a uma combinação de fatores, como a redução de custos operacionais e a melhoria da eficiência operacional. Além disso, a adoção de smart grids pode ajudar a integrar fontes renováveis de energia de forma mais eficiente, o que contribui para a redução das emissões de carbono e a promoção de uma transição energética mais sustentável.</p> <p>ME: O que você acha que será o futuro do setor elétrico?</p> <p>CVB - O futuro do setor elétrico será marcado por uma combinação de fatores, como a adoção de fontes renováveis, a implementação de smart grids e a melhoria da eficiência operacional. Isso exigirá investimentos significativos em pesquisa e desenvolvimento e em infraestrutura. No entanto, acredito que o Brasil tem todas as condições necessárias para enfrentar esses desafios e construir um futuro energético mais sustentável e resiliente.</p>

<https://app.isend.com.br/iSend/external/magazine?encrypt=6051AE1152974C7E4141AC378F1EF3B28FC2C6B6EF3764EC9D3993E45E5F75E04>

Mercado de energia elétrica

Professores, pesquisadores, profissionais e interessados em informações e discussões de assuntos relacionados ao setor elétrico, ao mercado de energia elétrica e aos aspectos profissionais da engenharia.

- Segunda sessão da reunião de trabalho da PMO no ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico);

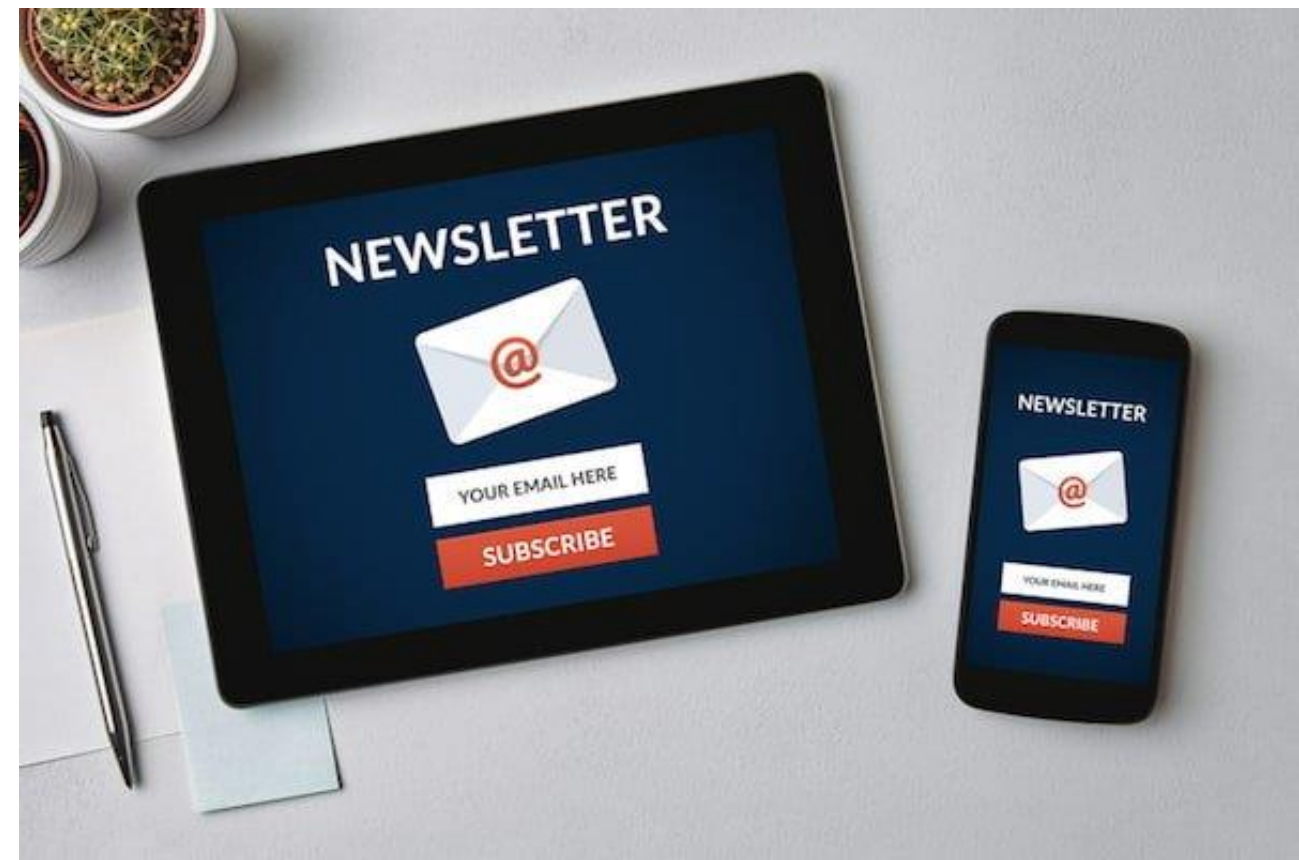
Segunda – 28/10

1º dia do 16º Smart Grid Forum – Fórum Latino-Americano de Smart Grid, realização Smart Grid, no Centro de Convenções Frei Caneca, São Paulo (SP);

<https://mercadoee.blogspot.com/2024/10/enc-capitulo-ii-da-novela-aneel.html>

Próximos passos

Definição do conteúdo e desenvolvimento da newsletter do *16º Latin-America Smart Grid Forum*



Obrigada!



EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO